

O apagamento de mulheres negras e indígenas nas capas da revista *O Cruzeiro* (1930-1949)¹

Bruna Luísa Buratto Remes²

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR

RESUMO

Ao longo da década de 1930, os países latino-americanos ingressaram em seus respectivos processos de industrialização, orientados pelo exemplo disseminado pelos países europeus e norte-americanos. Os ideais da modernização chegaram ao Brasil via meios de comunicação de massa, nas páginas dos jornais, nas telas de cinema e nas vozes dos locutores de rádio. Eles traziam o progresso ilustrado em propagandas de eletrodomésticos, produtos de limpeza e enlatados, apresentando costumes, tradições e valores éticos e morais para as sociedades que desejassem “correr atrás” do tempo perdido, superando o “atraso” na busca por desenvolvimento. Paralelamente, as elites burguesas, os intelectuais e os governantes destes países uniram-se em busca de símbolos, heróis e narrativas para desenvolver uma identidade nacional, procurando reverter o cenário fragmentado, heterogêneo e desigual que reinava sobre as massas populares (MARTÍN-BARBERO, 2009). No caso do Brasil, o populista Getúlio Vargas adotou o rádio como seu melhor amigo, transmitindo diariamente para as famílias brasileiras as memórias dos grandes feitos nacionais, numa tentativa de resgatar o orgulho e o sentimento de pertencimento da população ao país (BARBOSA, 2013). Embora a década de 30 fosse a “Era de Ouro do Rádio” (BARBOSA, 2013), as revistas ilustradas também desempenharam um importante papel nessa tarefa, já que eram consumidas com mais frequência, com publicações semanais ou mensais. As relações internacionais que Vargas mantinha com outras potências mundiais, em especial com os Estados Unidos (TOTA, 2000), pediam a aparição do brasileiro alegre, entusiasmado e amigável, como um bom parceiro para negócios, investimentos e tratativas bélicas. As revistas colaboravam com esse propósito pois traziam conteúdos diferenciados dos

¹ Trabalho apresentado na DT8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos - PPGIELA-Unila, email: bruna.remes@gmail.com

diários (que não tratavam grandes temas em profundidade) e um bônus com o qual o rádio não poderia competir: os recursos visuais das propagandas, ilustrações e fotografias. Neste contexto, as construções ideológicas sobre o Brasil ser um país amistoso, plural, de sonhos, de povo batalhador, honesto, simpático e cativante, abriram espaço para a disseminação de mitos como, por exemplo, o da democracia racial. A partir dessa contextualização histórica, desenvolvo neste trabalho algumas reflexões e questionamentos a respeito das representações nas capas da revista *O Cruzeiro*, um dos maiores fenômenos da história da imprensa brasileira (BARBOSA, 2015). Para o desenvolvimento do trabalho, foram mobilizados conceitos e aparatos teórico-metodológicos da Análise do Discurso materialista (AD), a partir dos estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, para construção e análise de um arquivo. O recorte definido incluía exemplares de 1930 a 1949 do veículo, que foram consultados remotamente pelo acervo digital da Biblioteca Nacional. O objetivo da pesquisa foi analisar as capas dos exemplares selecionados e identificar que tipos de representações existiam nessas materialidades discursivas, questionando de que forma elas poderiam ter contribuído para a identificação e eventual formação do imaginário de identidade da população brasileira. Essas capas eram compostas majoritariamente por rostos femininos. Embora a pessoa variasse, a ilustração ou fotografia trazia aspectos em comum a cada nova edição: elas estavam sempre maquiadas, com penteados, roupas sofisticadas (e não trajes laborais, por exemplo) e, em sua esmagadora maioria, eram mulheres brancas. De acordo com dados do Censo de 1940, dos 41 milhões de habitantes do Brasil na época, 50% eram mulheres e, dessas, 36% eram não brancas (agrupamento das declarações de cor amarela, preta e parda e de cor não declarada) (IBGE, 1940). Embora os dados indiquem significativa diversidade étnica na população brasileira, a repetição da imagem de mulheres brancas nas capas das revistas durante as décadas observadas se tornou um padrão. Ora, no reconhecimento de um padrão, existe também uma falta, a qual, dentro da AD, “é também o lugar do possível” (ORLANDI, 2020, p. 50). Que possibilidades de interpretação e leitura seriam essas? Que efeitos de sentido a falta de mulheres negras e indígenas nas capas da revista *O Cruzeiro* poderia provocar? A busca pela falta me fez organizar as 869 capas analisadas (476 da década de 1930 e 393 da década de 1940) em categorias para além do padrão “mulher branca”. Assim, foram organizadas as categorias de: mulheres (brancas e não-brancas); homens

(brancos e não-brancos); casais (brancos, negros e/ou misturados); grupos de pessoas (brancos com negros); inanimados (objetos, animais, maquinários); crianças e, por fim, lugares. A década de 1930 foi a que apresentou mais ocorrências divergentes ao padrão “mulher branca”: 136 capas dentro das categorias descritas (exceto criança). Já na década de 1940, foram diferenciados apenas 20 exemplares dentro dos 393 observados. Dentro da primeira década, 1934 foi o ano com mais capas representando a população negra. Em relação ao *corpus* de análise, foram observados três principais efeitos de sentido, descritos a seguir. O primeiro e mais expressivo foi o apagamento (ORLANDI, 2020; MODESTO, 2021;) de mulheres negras e indígenas das capas, com apenas 25 aparições durante a década de 30 (entre 476 capas) e nenhuma aparição na década de 40 (entre 393 capas). De maneira geral, as características das vestimentas, do rosto, mostravam que essa não era uma representação de pessoas comuns ou das situações rotineiras do dia a dia. A intenção, ali, não era de modo algum tratar a mulher como representante da população brasileira trabalhadora, mas sim como uma inspiração, um modelo a ser seguido. Fazendo um exercício similar ao de paráfrase, se as mulheres retratadas estivessem com suor no rosto, no meio da lavoura ou lavando lençóis na beira do rio, ou ainda vestindo roupas remendadas, mesmo que fossem brancas, teriam o mesmo destaque? Orlandi aponta que “É bom lembrar: na análise de discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem” (ORLANDI, 2020, p. 40). Dentro da categoria “grupos de pessoas”, também foram identificadas capas com ilustrações cujo destaque era de pessoas brancas, porém, com presença de personagens negros em posição e vestimentas de subserviência. Elas foram comparadas às representações de sujeitos racializados contemporâneas às publicações da revista (como a personagem Tia Nastácia, do sítio d’*O Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, por exemplo) e, por fim, associadas às reflexões sobre os papéis sociais predeterminados pela marginalização das populações negra e indígena, que refletiam uma hierarquia social entre brancos e não brancos respaldada nos diferentes campos de trabalho. Às mulheres negras, por exemplo, desde os tempos coloniais, cabia o lugar de subserviência e trabalhos domésticos (COLLINS, 2016; HOOKS, 2020; FONTANA, CESTARI, 2015). Ao colocar-se como uma ponte entre o povo brasileiro e o “progresso”, a publicação era responsável por instituir modelos e ideais a serem seguidos pelos

leitores. A ilustração de mulheres brancas em destaque apresentava também uma garantia do que seria registrado enquanto documento histórico. Além disso, a não aparição de mulheres negras e indígenas removia-nas da possibilidade de serem vistas, retratadas e representarem, historicamente, a nação brasileira. Outro destaque dos efeitos de sentido identificados na pesquisa foi a relação entre as capas e a popularização do mito da democracia racial. A ideia proposta por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* apresentava uma noção de falsa solidariedade, apontando a miscigenação como um fator espontâneo, não violento e fruto da colaboração mútua entre as três raças formadoras do povo brasileiro (indígenas, negros e brancos), (BERNARDINO, 2021). A teoria, disseminada na década de 30, conecta-se às materialidades discursivas encontradas nas capas de *O Cruzeiro* que, recorrentemente nos anos desse período, ilustravam grupos de pessoas negras e brancas ou casais “miscigenados”. As capas de Carnaval também apostavam na confraternização interracial, embora esse fosse um espanto para os visitantes internacionais (especialmente estadunidenses) que visitavam o Brasil na época da festividade (TOTA, 2000). Há também uma diferença bastante significativa entre o suporte dos materiais analisados. Ao longo da década de 30, eram feitas ilustrações para as capas; já nos anos 40, as capas eram fotografadas. Dessa forma, compreende-se que a representação (negra e indígena) numa ilustração seria cabível, pois não poderia ser identificada: era uma representação imaginária, pois não tinha formas anatômicas em escala e proporção de realidade; não eram sujeitos de nome, sobrenome, história, família, endereço e data de nascimento. Já, quando foi possível representar uma pessoa de carne e osso, uma pessoa real para gerar os sentimentos de identificação e pertencimento nos leitores, houve a falta de pessoas negras e indígenas (justamente porque ficavam no plano das ideias, num plano teórico de solidariedade e democracia racial). Assim, se conclui que, enquanto um meio de comunicação de massa, a revista *O Cruzeiro* contribuiu com efeitos de sentido para a construção de um imaginário de identidade nacional cujo modelo é o da representação por pessoas brancas, às custas do apagamento das populações negras e indígenas, salvo nas situações hierarquizadas em que essas populações deveriam ocupar postos de trabalho subalternos e de subserviência.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, apagamento; identidade nacional; revista ilustrada, raça.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BARBOSA, Virgínia. **Em torno da revista O Cruzeiro**. Recife, 2015. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/index.php/inventarios-documentais-e-indices-bibliotecas/10050-revista-o-cruzeiro-catalogo-da-colecao-do-acervo-da-fundacao-joaquim-nabuco-1929-1974>. Acesso em: 5 Out. 2020.
- BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos [online]**. 2002, v. 24, n. 2, pp. 247-273. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200002>. Acesso em: 8 Ago. 2021.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com a outsider within**. Tradução de Juliana de Castro Galvão. Revisão de Joaze Bernardino-Costa. Sociedade e Estado [online]. 2016, v. 31, n. 1, pp. 99-127. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>. Acesso em: 10 Ago. 2021.
- FONTANA, M. G. Z.; CESTARI, M. J. **“Cara de empregada doméstica”**: Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. RUA, Campinas, SP, v. 20, p. 167–185, 2015. DOI: 10.20396/rua.v20i0.8638265. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638265>. Acesso em: 5 out. 2021.
- HOOKS, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- IBGE. **Censo demográfico: População e habitação**. Rio de Janeiro: 1940 (Recenseamento Geral do Brasil. Série Nacional, Vol. III). Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_v2_br.pdf. Acesso em: 08 Ago. 2021.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MODESTO, R. **Os discursos racializados**. Revista da ABRALIN, v. 20, n. 2, p. 1-19, 20 jul. 2021
- O CRUZEIRO: Revista semanal ilustrada. Rio de Janeiro: O Cruzeiro S/A, 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=0>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.
- SALES JR, Ronaldo. **Democracia racial: o não-dito racista**. Tempo Social [online]. 2006, v. 18, n. 2. pp. 229-258. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200012>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.